



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA ELIZABETE PEREIRA DE SOUZA

**DEPENDÊNCIA QUÍMICA E RELAÇÕES FAMILIARES: FATORES  
FACILITADORES E RESTRITIVOS AO TRATAMENTO DO ADICTO**

Juazeiro do Norte  
2020

MARIA ELIZABETE PEREIRA DE SOUZA

**DEPENDÊNCIA QUÍMICA E RELAÇÕES FAMILIARES: FATORES  
FACILITADORES E RESTRITIVOS AO TRATAMENTO DO ADICTO**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte  
2020

MARIA ELIZABETE PEREIRA DE SOUZA

**DEPENDÊNCIA QUÍMICA E RELAÇÕES FAMILIARES: FATORES  
FACILITADORES E RESTRITIVOS AO TRATAMENTO DO ADICTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega  
Orientador

---

Esp. José Diogo Barros  
Avaliador

---

Esp. André de Lima Gomes  
Avaliador

# DEPENDÊNCIA QUÍMICA E RELAÇÕES FAMILIARES: FATORES FACILITADORES E RESTRITIVOS AO TRATAMENTO DO ADICTO

Maria Elizabete Pereira de Souza<sup>1</sup>

Alex Figueiredo da Nóbrega<sup>2</sup>

## RESUMO

Cada vez mais, as pesquisas, atribuem aspectos associados as relações familiares e uso abusivo de drogas. Uma compreensão aprofundada em relação a tais questões, poderá gerar uma contribuição mais significativa dentro dos relacionamentos familiares de dependentes químicos, contribuindo para uma relação mais assertiva que contribuirá com uma prevenção de recaídas e o tratamento do usuário. Assim surgiu o objetivo deste trabalho: Analisar as variáveis envolvidas nas relações familiares relatadas, que denotariam fatores facilitadores e/ou impedidores da adesão satisfatória do adicto ao tratamento interventivo. Para alcançar esse objetivo foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa de periódicos publicados em plataformas científicas abordando conteúdos relacionados a temática. Os quais apresentaram resultados satisfatórios. Em suma, os materiais utilizados nesse estudo, corroboram investigação, comprovando que as famílias geram impactos que venham a influenciar no tratamento do adicto, a depender de como a estrutura familiar se encontra, poderá contribuir com o tratamento e prevenção das recaídas do dependente ou prejudicar os mesmos. Os grupos familiares baseados no apoio e diálogo são capazes de gerar melhores resultados nos tratamentos, já o dependente de drogas que se encontra em um grupo familiar com as relações desestruturadas estará mais propenso a ter recaídas, abandonando o tratamento e se mantendo em drogadição. Com isso, torna-se importante a implementação de ações preventivas ao uso de drogas, direcionando ações que abranja todos os familiares, uma vez que estes marcam toda a história de vida de seus entes. É no corpo familiar que o sujeito se molda, aprende a assumir erros e responsabilidades, deste que o ambiente no qual se desenvolve seja conduzido por relações saudáveis, colocando limites e regras, baseada no diálogo e apoio sem julgamentos.

**Palavras-chave:** Relações familiares. Drogas. Recuperação.

## ABSTRACT

Increasingly, research attributes aspects associated with family relationships and drug abuse. An in-depth understanding of these issues can generate a more significant contribution within the family relationships of drug addicts, contributing to a more assertive relationship that will contribute to the prevention of relapses and the treatment of the user. Thus, the objective of this work arose: To analyze the variables involved in the reported family relationships, which would denote factors that facilitate and / or prevent the satisfactory adherence of the addict to the interventional treatment. To achieve this objective, a qualitative bibliographic search of journals published on scientific platforms covering content related to the theme was carried out. Which presented satisfactory results. In short, the materials used in this study corroborate research, proving that families generate impacts that influence the treatment of the addict, depending on how the family structure is found, may contribute to the treatment and prevention of relapses

---

<sup>1</sup>Concludente do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO. E-mail: elizabetepereira28@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Orientador- Professor mestre do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO. E-mail: alexfigueiredo@leaosampaio.edu.br

of the dependent or harm the same. Family groups based on support and dialogue are able to generate better results in treatments, whereas the drug addict who is in a family group with unstructured relationships will be more likely to have relapses, quitting treatment and staying in drug addiction. Looking at this perspective, we note the importance of preventive actions against drug use, directing actions that cover all family members, since they mark the entire life story of their loved ones. It is in the family body that the subject molds himself, learns to assume mistakes and responsibilities, so that the environment in which he develops is guided by healthy relationships, placing limits and rules, based on dialogue and support without judgments.

**Keywords:** Family relationships. Drugs. Recovery.

## 1 INTRODUÇÃO

Pesquisas, cada vez mais vem destacando a relevância de se distinguir os aspectos inerentes às influências das relações do adicto na dependência química e o seu seio familiar, como as crenças, esperança e remissão (no seu sentido de “resgate”, de “livrar-se”) dos malefícios do uso abusivo de substâncias psicoativas (SANTINI; ASSIS, 2011).

Um entendimento mais claro disso, pode vir a contribuir para intervenções mais assertivas e eficazes, voltadas tanto para o dependente como para sua família. Isso certamente, motiva a realização desse trabalho, acreditando o colocar em movimento de discussões acadêmicas, tocante a relevância dos papéis sociais familiares no suporte socioemocional do dependente químico.

A partir disso, emergiu a situação problemática a responder: dentro do contexto das relações familiares, quais são os preditores e/ou indicadores dos fatores que facilitam ou restringem o processo interventivo no tratamento do adicto? Para se levantar respostas, se definiu como objetivo geral nesse trabalho, analisar as variáveis envolvidas nas relações familiares relatadas, que denotariam fatores facilitadores e/ou impedidores da adesão satisfatória do adicto ao tratamento interventivo.

Com isso, se definiram os objetivos específicos de identificar os aspectos biológicos e psicológicos envolvidos na dependência química, como também descrever os processos psicossociais envolvidos nas relações socioafetivas na dinâmica familiar. E, por fim, destacar os mecanismos preditores de facilitação e/ou restritivos ao tratamento da dependência química.

Para tanto, na organização dessa pesquisa partiu-se de leituras centradas nas relações familiares, dentro de um contexto de alterações psicossociais em decorrência da dependência química. Em uma busca de compreender as características, as ligações, influências, perspectivas e representações do e para o sujeito adicto, em sua remissão, adesão ou recusa do tratamento de sua dependência.

## **2 METODOLOGIA**

Para atingir os objetivos propostos neste trabalho, foi realizada uma investigação de cunho qualitativo, onde os dados se fazem, predominantemente descritivos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986 apud MENDES & MISKULIN, 2017), em uma pesquisa exploratória e bibliográfica baseada na literatura nacional, tendo como critérios de inclusão as publicações do tipo artigos, dissertações, teses e capítulos de livros de acesso livre no idioma português, com descritores delimitados, no período dos últimos dez anos correntes.

Para efetuar a pesquisa, foram usadas como base de dados as publicações existentes nas plataformas Scielo - Scientific Electronic Library Online, Portal BVS- da Rede Latino-Americana e do Caribe de Informação em Saúde, Portal de Periódicos Capes e Scholar – Google Acadêmico. Cruzando descritores como: dependência química, relações familiares, tratamento, fatores facilitadores e fatores restritivos. Assim como, foi delimitado também o critério de exclusão: publicações que não tivessem em seus descritores referência a dependência química e relações familiares.

Assim, seguindo esse delineamento se realizou a pesquisa nos meses de agosto e setembro de 2020. Na busca geral se encontrou 62 publicações, onde foram selecionadas pela leitura de seus resumos e palavras-chave, 17 destes textos para escopo delimitador de referência teórica. Posto que, após realizar leitura suscinta foi necessário ainda saturação de dados neles, com exclusão daqueles textos que se distanciavam do cruzamento dos descritores escolhidos, bem como, se direcionou a relevância substancial da proposta de pesquisa delimitada nesse trabalho.

## **3 ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA**

O comportamento de uso de substâncias químicas e psicoativas, se mostrou como costume antigo fazendo parte de diversas culturas e povos. O que, leva essa temática um patamar de problema de saúde pública de repercussões mundiais, e que pode gerar prejuízos a pessoa usuária, como provocar repercussões na sua família e na sua comunidade local (HORTA *et al.*, 2016).

Ademais, as denominadas drogas psicotrópicas ou substâncias psicoativas, passaram a receber esse nome por agirem diretamente no Sistema Nervoso Central (SNC) humano. Em decorrência disto, podem provocar alterações de humor, de emoção, de pensamento e

comportamento, aspectos estes que podem desencadear a dependência (CARLINI *et al.*, 2001 apud LOPES; SANTINI; ASSIS, 2011).

Porquanto, a chamada dependência química vai se apresentar como uma doença, de teor crônico, de variadas etiologias, que podem causar desordens e desajustamentos individuais, familiares e sociais. Isso, pensado em termos sociais e financeiros, vem ocasionando miséria e exclusão social pelo mundo, dado os índices de dependências graves do adicto, com sua saída de casa por conta do vício, e o colocar como gerador de conflitos familiares (FERREIRA *et al.*, 2015).

Cunha, Ferreira e Batista (2019) disseram que se faz relevante estudar o impacto destrutivo que uma dependência química pode ter na organização funcional familiar. Posto que a família tende a se configurar em importância basilar como coautora no aparecimento do abuso de drogas por membro familiar, como da instituição capaz de criar possibilidades de saúde para os seus membros.

Inerente a isto e pensando em fatores psicossociais, notou-se que o grupo familiar se coloca na vanguarda como primeiro grupo social no qual se insere a pessoa, o que contribui ou pode atrapalhar o desenvolvimento saudável desta. E ainda, a família tem papel primordial em orientar e acompanhar a estruturação desse ser humano (CUNHA; FERREIRA; BATISTA, 2019).

Inerente a esse desenvolvimento humano, estudos de Cunha, Ferreira e Batista (2019), advertiram que o primeiro contato com drogas de abuso tende a acontecer no período da adolescência. Demarcando assim, um abalo na estrutura familiar desse sujeito, com sérias consequências individuais e sociais ao futuro desse usuário, da sua família e da sociedade de maneira geral.

Um dos fatores relevantes da drogadição nas suas influências psicossociais, segundo Zerbetto *et al.* (2018), parece estar em crenças sobre a doença, tanto as variáveis restritivas quanto as facilitadoras de funcionalidade e adesão ao tratamento por parte do dependente químico. Por isso, perpassaria nas relações no núcleo familiar e na convivência com a situação da dependência das substâncias psicoativas, os propulsores ideais para isso.

No tocante às possíveis influências familiares, nota-se que cada uma constrói crenças, como modos de funcionamento e transmite aos seus integrantes. Com isso, essas crenças e ideias podem se tornar restritivas ou facilitadoras, que quer dizer que podem diminuir ou aumentar as possibilidades de as pessoas dependentes encararem sua drogadição como um problema a ser resolvido e superado, como pode intensificar ou minimizar o sofrimento advindo dela (MEDEIROS *et al.*, 2013).

### 3.1 OS DISPARADORES SOCIAIS DO USO/ABUSO DE SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS

Refletir sobre situações e fatores que ajudam a desencadear o uso/abuso de substâncias psicoativas leva a considerar as consequências físicas, psíquicas, emocionais, comportamentais, sociais e financeiras que irão atravessar a vida do usuário e do seu contexto familiar e social. Pois, uma dependência química nunca recairá somente no dependente, mais sim atingirá e modificará sua qualidade de vida e as suas relações familiares e sociais (SILVA; GUIMARÃES; SALLES, 2014).

No tocante ao fato do uso/abuso de drogas ilícitas terem relevantes adeptos no período da adolescência, observa-se o fato de que a família, nessa fase da vida, atravessa um momento do ciclo da vida onde almejam viver uma necessidade de se separarem da família na busca de pertencer a outros grupos sociais. Advindo daí, uma necessidade de afirmar a própria, e isso já se coloca como desencadeador de crise familiar, pois funções e papéis se modificam (XAVIER; SILVA; RODRIGUES, 2014; HORTA *et al.*, 2016; FROTA *et al.*, 2018; CUNHA; FERREIRA; BATISTA, 2019).

Referente a aspectos de risco de disparadores ao uso de drogas por jovens, os estudos de Maurina *et al.* (2012), destacaram como preditores o consumo anterior de substância psicoativa pelos pais ou cuidadores, as dificuldades nas atividades escolares, a família disfuncional e adoecedora, bem como experienciar violência doméstica. No campo amplo social, se destacou as pressões sociais de grupo de amizades, com a necessidade de se integrar a ele, como também o jovem procurar aumentar sua autoestima, ou ir em busca de sua independência familiar.

Xavier, Silva e Rodrigues (2014) e Paz e Colossi (2013) acrescentam o fato de que se configura na adolescência uma procura de ajuste entre dependência e independência, e a substância química proibida pode ser vista pelo jovem como rebelião contra autoridades e o controle da família, da sociedade e das leis.

Já na pesquisa de Horta *et al.* (2016), em uma visão a partir dos familiares do adicto, justificaram como disparadores do uso e/ou abuso de drogas, fatores como vivência de episódios traumáticos na infância e adolescência, como perdas por separação, doença, morte e assassinato de pessoas queridas como pai, mãe ou avós.

Por conseguinte, essa realidade explícita no comportamento do dependente, levam os parentes e amigos a uma não compreensão das ações do dependente químico. Provocando vergonha, compaixão e medo de um julgamento social. Pois, os familiares do dependente

temem serem culpabilizados pelo vício desse membro familiar. Passando pela crença em um imaginário social de que se seu filho se tornou dependente, eles também serão vistos como iguais a ele, denotando como o imaginário social pode influenciar nos valores morais da família (PAZ; COLOSSI, 2013; HORTA *et al.*, 2016, ZERBETO *et al.*, 2018).

Outro aspecto psicossocial relevante, está na materialização da criminalização do uso de drogas ilícitas. Prática esta, bem difundida no mundo e que tendo a premissa da proibição favorece, certamente um consolidar de uma tendência punitiva e não preventiva. Com foco, em estancar e estigmatizar os sintomas e punir o contraventor de si mesmo, o adicto (KARAM, 2013).

### 3.2 AS ALTERAÇÕES PSÍQUICAS MANIFESTAS NO DEPENDENTE QUÍMICO

Estudos já demarcaram, que os fatores que motivam o uso de drogas podem ser diversos, como tentativa de obter sensações de prazer, abrandar sintomas de ansiedade, tensão, medos e até para buscar alívio de dores físicas. A questão problemática a saúde do sujeito, se daria quando do uso dessas substâncias de forma abusiva e repetitiva, sem controle do consumo, que desencadeia dependência (CRAUSS, ABAID, 2012).

Karam (2013) em seus estudos, sinalizou que as chamadas drogas ilícitas ao provocarem estados alterados no funcionamento da consciência do sujeito, se faz em um fator de facilitação da criação de visões fantasiosas e misteriosas, sobre as pessoas que fazem uso de tais substâncias.

Não incorrendo ao mistério, se notou em estudos que a dependência química vai se apresentar a pessoa, em um funcionamento psíquico e físico alterados, em decorrência do uso contínuo de substâncias químicas. Levando a reações comportamentais descontroladas, pela necessidade de uso da substância, o que abaliza essa dependência química ser do tipo física e psicológica (LOPES, SANTINI, ASSIS, 2012).

Os estudos de Horta *et al.* (2016) destacaram que haveria no contexto psicossocial do sujeito adicto uma certa ambivalência afetiva. Ora apresentando sentimentos positivos em relação a si e ao seu contexto, hora apresentando sentimentos negativos. Tendo informação e desinformação, pedindo ajuda e tendo dificuldade de adesão ao tratamento. Essas ambivalências, denotaram a manutenção ou não de vínculos afetivos nas famílias com dependentes químicos, assim como, as relações ambíguas que o sujeito estabelece com drogas de abuso lícitas, ou não.

A classificação de substâncias psicoativas segundo suas funções e potencial de ação no funcionamento psíquico, conforme estudos de Lopes, Santini e Assis (2012), normalmente são descritas como depressoras, perturbadoras e estimulantes. Nas quais, as substâncias com potencial depressor incidirão no ritmo do funcionamento cerebral, fazendo-o trabalhar com lentidão. Isso, reduz aspectos ansiosos, reduz a concentração, causa baixa na função de atenção, e deixa os movimentos corporais lentificados, e ainda baixa a capacidade de memorização. Como exemplos dessas substâncias depressoras, se tem o álcool, os inalantes e os opiáceos.

Já as drogas classificadas como perturbadoras ou alucinógenas, tem capacidade de produzir estados senso perceptivos alterados, como alucinações e delírios, focando sua ação em distorcer o funcionamento cerebral. Substâncias como a maconha, LSD e êxtase, se mostram como alucinógenos mais conhecidos culturalmente (LOPES; SANTINI; ASSIS, 2012).

As substâncias tidas como estimulantes são aquelas com potencial de aceleração no ritmo de sistemas neuronais, o que ocasiona um aceleração do processamento psicológico. Assim, o sujeito sob efeito de estimulante, permanece em um estado de alerta exacerbado, não conseguindo adormecer. Como exemplo dessas substâncias, podem ser citadas as anfetaminas, o tabaco e a cocaína (LOPES; SANTINI; ASSIS, 2012).

Para mais, os mesmos autores trouxeram em uma compreensão dos estados alterados do sujeito que faz uso de substâncias psicoativas, que a dependência no âmbito físico se classifica como adicção. Esta, que se mostra nos eventos em que o dependente, caso suspenda ou não tenha acesso ao uso da substância, manifesta no seu corpo sinais da chamada abstinência, que é um processo de angústia, permeado de tensão e de comportamento chamado de “fissura”.

O que, serve de demarcador de situação de dependência que o organismo já possui com a droga. Já, referente a chamada dependência psicológica, esta incorrerá por intermédio de uso habitual e compulsivo da substância psicoativa, mesmo no entendimento de suas consequências danosas. No que, as pesquisas já delinearam nos momentos de ocorrência de a dicções, estarem envolvidas ambas as dependências (LOPES, SANTINI, ASSIS, 2012).

#### **4 AS RELAÇÕES FAMILIARES DO ADICTO**

O consumo de psicoativos é presente em várias culturas e trata-se de uma prática antepassada. Depende da cultura e de cada comunidade, se adaptando à época, conhecimentos e finalidade, a ingestão e excesso de drogas lícitas ou ilícitas são evidentes e comuns, o que constitui em um problema de saúde pública no Brasil e no mundo, frente ao impacto que acomete usuário, família e comunidade (HORTA *et al.*, 2016).

A família é o primeiro grupo social em que o indivíduo tem contato, sendo de extrema importância para o desenvolvimento deste. É nesse vínculo, que se inicia o primeiro contato com substâncias psicoativas, em eventos festivos proporcionados para a socialização familiar. Cunha (2019) traz que o início do uso de drogas se inicia na fase da adolescência, a qual, a maturação psicoemocional do sujeito ainda está incompleta.

Antônio *et al.* (2013) aponta a família como sendo a causa primária para o consumo de drogas na adolescência, por ser considerada fornecedora de modelos e influencia os aspectos de socialização. A falta de adequação da supervisão parental, a qual, não impõem limites ou se utiliza de regras excessivas para com os filhos são agravantes para determinar o uso abusivos de drogas. Cabe à família estar pronta para acolher e orientar os adolescentes, uma vez que nesta fase ocorre diversas transformações e adaptações interpessoais complexos que geram sentimentos diversos.

São múltiplos os impactos gerados por conta da dependência química no âmbito familiar, entre eles a quebra da rotina, sentimentos de vulnerabilidade, desamparo e frustração frente a doença e o seu tratamento. Destacando o agravamento de conflitos existentes anteriormente, comprometendo a relação da família vivenciando essa situação, sendo pouco discutido as estratégias de enfrentamento que usam para lidar com ela e o que acontece com essas pessoas que fazem parte das dificuldades relacionadas ao uso de álcool e outras drogas (HORTA *et al.*, 2016).

Para Maurina (2012) os conflitos familiares são inevitáveis, entretanto, as condições saudáveis destes estão sujeitas à maneira como ocorre e são solucionados. As relações entre pais e filhos, tem a performance representada através de uma escala de habilidades sociais educativas, podendo ter influência sobre o comportamento do filho. Pais assertivos socialmente oferecem aos filhos exemplos adequados ao social para a dissolução de problemas alcance de objetivos e minimiza a probabilidade de problemas no futuro. Práticas educativas priorizando limites e o afeto tenta evitar comportamentos considerados inadequados. Quanto grandemente for a escala participativa dos pais, mais eficiência terá na comunicação e mais presentes serão nas atividades escolares, culturais e de lazer, contribuindo com um modelo mais assertivo para os filhos.

Os familiares de usuários de substâncias psicoativas que não compreendem os motivos que levam ao consumo abusivo tendem a se referirem ao usuário de forma depreciativa, isso acontece por conta de uma relação conturbada entre os membros da família. A deficiência do suporte parental, conflitos e até mesmo a violência no contexto familiar, a ausência de informações e conhecimento a respeito do consumo das drogas, gera aumento da ingestão,

levando ao aumento da violência que desagrega a família e enfraquece os vínculos (BASSAN *et al.*, 2016).

A narrativa a respeito das características, iniciação e o uso de drogas, redução de danos, estratégias inovadoras, fatores de riscos e de proteção, descriminalização do uso, e da importância de se trabalhar com a família, vêm sendo cada vez mais abrangentes. Dentro destas questões surgem vários desafios contemporâneos que envolvem preconceitos e exigências intersetoriais para o enfrentamento. Os profissionais da saúde sentem-se muitas das vezes uma insatisfação com o convívio familiar, frente à dificuldade em se alcançar um resultado satisfatório a curto prazo (HORTA *et al.*, 2016).

Segundo Bassan *et al.* (2016), é imprescindível que os usuários e seus familiares sejam acolhidos e acompanhados por profissionais qualificados, com a capacidade de propiciar atividades que melhorem a reabilitação. Diante disso, os profissionais de saúde precisam de competências e habilidades humanizadas e integrativas para transcender a visão precisa e unidimensional do cuidado, garantindo acolhimento e estabelecendo vínculo assistencial, necessitando criar laços afetivos e trocas empáticas e de confiança.

Sendo estes educadores e mediadores entre a família e o usuário, estimulando práticas saudáveis e duradoras entre estes. Portanto, necessitam de competências interativas e associativas para acolher as mais diversas realidades sociais. Nessa administração, as práticas preventivas sobre o uso de substâncias psicoativas continuam sendo as principais estratégias para a promoção da saúde. Frente a isso, é essencial que o profissional de saúde atue além do desempenho teórico-prático para alcançar a singularidade humana (BASSAN *et al.*, 2016).

#### 4.1 O OLHAR DA FAMÍLIA SOBRE O TRATAMENTO DO ADICTO

Não é observável um padrão que gere nos dependentes químicos o desejo de exceder sobre o consumo abusivo das drogas. Entretanto, o consumo costuma ter início na fase da adolescência, na maioria das vezes frente a uma curiosidade e levada pelos próprios familiares. A experiência com o uso excessivo de substâncias químicas depende da subjetividade de cada sujeito, ou seja, história de vida, contexto familiar conflitante, motivação, entre outras questões que possa envolver tal indivíduo (AZEVEDO; SILVA, 2013).

Segundo Azevedo e Silva (2013), a busca por tratamento pelos usuários tende a ser demorada, resultando em uma dificuldade maior para se obter a recuperação. Além da adesão ao tratamento e as práticas de promoção e prevenção não serem bem aceitas, uma vez que os consumidores de drogas resistem em ficar em abstinência total. O êxito ao tratamento depende

apenas e unicamente das atitudes dos dependentes em se afastar dos vínculos sociais que estimulem o consumo e de locais que possa compor as substâncias vindo a despertar o desejo de voltar a consumir.

Pelo fato de a família ser o laço social primário, ela sofre com a ligação afetiva e por sentir que estão sendo cobradas e/ou culpabilizadas frente ao processo educacional do usuário de drogas, o que leva a família a construir crenças e disseminar entre seus membros. Ao ser identificadas as crenças familiares pelos profissionais de saúde poderá ser facilitado e fortalecido o processo de ressignificação, potencializando as fontes de esperança familiar, fazendo com ocorra o enfrentamento e superação das adversidades da vida, contribuindo assim para o enfrentamento a evolução da doença e a superar novos desafios, mantendo o otimismo e a confiança (ZERBETTO *et al.*, 2018).

Quando a família percebe que o tratamento do dependente químico não ocorre apenas no processo de internação, ela consegue recupera-se do sentimento de fracasso e dor, dando espaço para o avanço da recuperação do usuário e passa a ser uma fonte de apoio, restaurando os vínculos essenciais ao tratamento. Portanto, quanto mais membros participarem, mais informações sobre os papéis familiares serão pontuadas e a assistência será ampliada, dando espaço para reconstrução das relações familiares que servirá de forma significativa para a saída do dependente dos mundos das drogas (HERZOG; WENDLING, 2013).

Muitas vezes a família não se vê como sendo parte integrante do problema e muito menos do processo para a mudança do usuário, o que leva a deixar para os terapeutas e instituições a responsabilidade de curar o membro dependente químico. A terapia familiar pode ser uma grande aliada para esclarecer e orientar os familiares na compreensão das atitudes e comportamentos emitidos pelo usuário, além de melhorar o relacionamento entre estes, o que facilita a recuperação (AZEVEDO; SILVA, 2013).

O suporte prestado pelos familiares ao dependente químico influencia diretamente no acolhimento do usuário, o que torna o caminho para minimizar os danos do abuso das drogas mais fácil de se alcançar. Assim a família deve se mostrar cada vez mais integrada e participante das discussões relacionadas ao tratamento e aos eventos em torno da vida do dependente químico.

Azevedo e Silva (2013) ainda ressaltam que a família é parte essencial do processo, ela precisa dar total apoio e reconhecer as necessidades existentes no caso. As intervenções, por si só, muitas vezes e dependendo do caso, não são capazes de gerar mudanças, por isso, a restauração dos laços familiares é fundamental para que a dependência química não prejudique e aniquile o processo de tratamento. Além de ser imperativo para reestruturar a vida do sujeito

que está tentando largar o vício, em todos os aspectos, moral, social, familiar ou emocional, sendo os membros familiares potenciais influenciadores nesse processo de recuperação, uma vez que resgatam a autoridade e definem os comportamentos adequados para o bem-estar da família.

Perante a isso é notório que ao se estabelecer um laço familiar saudável na vida do sujeito dependente de substâncias psicoativas, os resultados com o tratamento e o retorno ao contexto de sua vida nas diferentes esferas, familiar, moral, social e emocional, será muito mais eficaz e facilitado ao contrário daqueles usuários que não obtiveram o suporte adequado dos membros de sua família, tão necessários para a sua recuperação e retorno ao contexto social (HERZOG; WENDLING, 2013).

## **5 O QUE CONTRIBUI E O QUE PREJUDICA O TRATAMENTO DO ADICTO?**

A aceitação do dependente químico ao tratamento é atravessada por muitos desafios, entre eles a interrupção do processo e retorno ao uso da droga. O início do tratamento ocorre com muitas dificuldades, já que nos primeiros dias o usuário passa por crises de abstinência que podem levar a uma recaída em aproximadamente 90 dias após o seu início. Isso acontece pela baixa adesão e falta de motivação para seguir o tratamento (DA SILVA *et al.*, 2014).

Para Silva *et al.* (2014), os usuários poderão passar por recaída com o tempo, sendo um fato recorrente ao longo de suas vidas, uma vez que, em uma única tentativa de deixar a substância psicoativa, é raro os dependentes conseguirem permanecer em abstinência.

Os motivos que levam a recaída são diversos, sendo condicionados por eventos externos e/ou internos, os quais os dependentes têm a dificuldade em manejar e/ou encerrar por estarem ligados diretamente com a adversidade da interrelação com as situações do ambiente, a falta de habilidade no enfrentamento, ausência de controle pessoal e até mesmo a necessidade dos efeitos positivos da droga.

Segundo Maciel (2013) pelo fato de a família ser o primeiro e o principal grupo afetivo, assume o papel de criar possibilidades de saúde para o componente usuário de droga, ofertando uma conjuntura de transformação ou resoluções de problemas. A família também pode ser a geradora dos riscos para o uso de substâncias psicoativas, quando seu contexto é marcado por uma relação de conflitos, violência, entre outros problemas. Diante a isso que se faz importante integrar a família no processo de tratamento da dependência química.

Nesta perspectiva da influência familiar para o sucesso ou insucesso do tratamento de dependência química, Takahara *et al.* (2017) aponta os seguintes fatores que prejudicam a recuperação do usuário por conta de seu contexto familiar apresentados no quadro a seguir:

**Quadro 1:** Fatores que prejudicam o tratamento do adicto.

<i>Rejeição e abandono da família</i>	Que ocorre muitas das vezes por conta de conflitos, distanciando os membros da família e gerando o abandono do dependente químico.
<i>Divórcio e/ou separação parental</i>	Ocorre pela interrupção e mudança no ciclo vital da família que gera impactos e ressonância na organização estrutural e funcional familiar.
<i>Situação de morte</i>	A perda provoca uma sensação de solidão que pode levar ao vício.
<i>Conflitos e violência familiar</i>	O impacto de relações conflitantes ou violentas no âmbito familiar desestrutura os vínculos e leva ao abuso de substância químicas na tentativa fugir de tal realidade.
<i>Falta de comunicação familiar</i>	Uma comunicação assertiva é essencial no processo de educação e formação dos vínculos familiares, sua ausência pode ocasionar em uma desestruturação por não apresentar normas e limites ou por ser extremamente rigorosas.

**Fonte:** Autoria própria a partir da literatura encontrada, 2020.

O uso abusivo de drogas acontece deforma a trazer um significado à complexidade dos relacionamentos sociais e familiares. Se faz essencial que a família seja dimensionada em outros modelos investigativos, por se tratar de um vínculo diretamente ligado ao sucesso ou fracasso do tratamento da dependência química (HERMETO, 2011).

Para Freires (2012) o diálogo no contexto familiar é essencial para estabelecer uma proximidade entre seus membros, transmitindo segurança entre os mesmos, além de ser perceptivos mudança nos comportamentos e extinguir conflitos e problemas relacionados a ausência de uma comunicação e a falta de compreensão entre os familiares. O estabelecimento de regras claras, que sejam válidas entre todos e tenha um sentido, colaboram com os

parâmetros de como agir e assumir responsabilidades dentro de suas capacidades sobre escolhas e ato. Assim, o diálogo é um forte aliado para uma boa relação familiar.

Neste sentido o seio familiar não está simplesmente na importância do acompanhamento ao tratamento, contudo, perpassa outras situações, direcionadas deste o apoio financeiro, até o diálogo e o afeto. Assim a relação familiar pode estar ligada diretamente a recuperação do adicto. Mesmo com a relação familiar apresentando tensões e conflitos, é onde o usuário encontra apoio quando busca um tratamento, gerando a recuperação dos vínculos familiares antes rompidos, extremamente importante para a recuperação do dependente, diante do apoio que recebe e acompanhamento em seu processo de tratamento (CRAUSS *et al.*, 2012).

De acordo com Da silva *et al.* (2014) para que o dependente não tenha uma recaída, este necessita reconhecer eventos negativos e evitar fatores, além disso se conscientizar de sua inabilidade para lidar com eles. Através do reconhecimento e da conscientização destes, o usuário, conseguirá ampliar seu repertório de habilidades e estratégias no enfrentamento e/ou até mesmo antecipar comportamentos de recaída.

Como fatores de proteção que impede o dependente a ter recaídas, Takahara *et al.* (2017) aponta em sua pesquisa três importantes condições para o amparo do usuário, entre eles encontra-se a presença de comunicação familiar assertiva, uma vez que o diálogo aberto, sincero e flexível, promove um espaço de escuta para acolher as demandas do sujeito. Colaborando assim com o processo social familiar, aproximando os membros e estabelecendo uma relação de confiança e apoio entre estes.

O segundo fator de proteção associa-se aos vínculos e relações saudáveis, o apoio e o suporte emitido pela família direcionados através do afeto e do interesse aos seus componentes, reduz a probabilidade do uso de drogas. A ausência de consumo de drogas por outros membros da família também é pontuado como sendo algo que contribui para a proteção do indivíduo, sendo o núcleo familiar o laço afetivo inicial na vida de cada pessoa, se compreende que a ausência do uso de drogas entre estes, minimize as chances de um de seus membros passar a consumir drogas por se espelharem em seus entes, porém para tal, a família necessita estabelecer uma relação saudável e comunicativa para ter uma base de segurança e apoio (TAKAHARA *et al.*, 2017).

Já Romanini, Dias e Pereira (2010), considera como fatores potencializadores do tratamento de a dependência química a 1) Conscientização do Problema: para esses autores, a pessoa necessita reconhecer que o consumo resulta em transtornos a sua vida. Prevenir as recaídas é um processo que deve estimular a percepção do adicto sobre as consequências

adversas que afeta seus relacionamentos e atividades. 2) Treinamento de Habilidades: trata-se de avaliar a capacidade do sujeito, montando estratégias para que o mesmo seja capaz de lidar com situações de risco que o leve a recaída. 3) Mudança nos hábitos de vida: aqui o adicto é convidado a pensar sobre sua rotina anterior imaginando um ideal de dia sem a presença da droga, o ocupando seu tempo livre com outros eventos.

Ferreira *et al.* (2015) associa a adesão ao tratamento de drogas a fatores intrínsecos e extrínsecos, sendo o primeiro relacionado a questões advindas do próprio dependente, pontuando que a motivação é o principal motivo. O segundo, os autores ressaltaram a importância da família a adesão, uma vez que esta é uma base de suporte e apoio que gera no adicto o sentimento de ser compreendido e apoiado.

No estudo desenvolvido é notório notar a concordância entre diversos autores, que aponta a relação familiar como sendo determinantes para iniciação ao uso de drogas, como também um agente fundamental para o tratamento. Sendo imprescindível a reconstrução do vínculo dos membros da família no processo de recuperação como forma de minimizar as recaídas dos dependentes as drogas. O quadro abaixo, mostra os autores citados anteriormente que em seus estudos marca a família como sendo a causa do sucesso e ao mesmo tempo fracasso ao tratamento do adicto, dependendo de como o relacionamento se estabelece durante o processo.

**Quadro 2:** Artigos que retrata a família como potencial de recaída ou sucesso no tratamento do adicto.

NOME DOS AUTORES	ANO	NOME DO ARTIGO
CRAUSS, R. M. G., & ABAID, J. L. W.	2012	A dependência química e o tratamento de desintoxicação hospitalar na fala dos usuários.
DA SILVA, M. L.; FERREIRA GUIMARÃES, C.; BERNARDONI SALLES, D.	2014	Fatores de risco e proteção à recaída na percepção de usuários de substâncias psicoativas.
FERREIRA, A. C. Z.; CAPISTRANO, F. C.; SOUZA, E. B.; BORBA, L. de O.; KALINKE, L. P.; MAFTUM, M. A.	2015	Motivações de dependentes químicos para o tratamento: percepção de familiares.

FREIRES, I. A.; ALMEIDA GOMES, E. M.	2012	O Papel da Família na Prevenção ao uso de Substâncias Psicoativas.
HERMETO, E. M. C.; SAMPAIO, J. J. C.; CARNEIRO, C.	2011	Abandono do uso de drogas ilícitas por adolescente: importância do suporte familiar.
MACIEL, L. D.; ZERBETTO, S. R.; FILIZOLA, C. L. A.; DUPAS, G.; ANDRADE FERREIRA, N. M. L.	2013	Consequências e dificuldades da dependência química no âmbito familiar: Uma revisão de literatura.
TAKAHARA, A. H.; FURINO, V.; MARQUES, A. C.; ZERBETTO, S.; FURINO, F.	2017	Relações familiares, álcool e outras drogas: uma revisão integrativa.

**Fonte:** Autoria própria, 2020.

Outros autores também citados neste trabalho, pontua a família como sendo uma base determinante de risco quando os laços se encontram afetados por questões de conflitos familiares, violência doméstica, abandono, entre outras condições que afastam os membros uns dos outros. Pelo fato de a família ser a primeira ligação afetiva presente na vida do indivíduo, esta marca-o de maneira mais aguda, se espera socialmente que a família seja o elo que sustenta seus membros. Entretanto, a estrutura familiar pode apresentar situações que adocece seus componentes.

Como apresentado anteriormente neste estudo, a relação da família necessita ser saudável, para tal, regras e limites devem ser inseridos na educação de seus membros, porém como cuidado de não extrapolar tais métodos, uma vez que o excesso de regras pode gerar impacto negativo na estrutura psíquica do sujeito, levando-o a buscar fuga, nas drogas.

Mas não de regra e limites se mantem as relações familiares saudáveis, é essencial uma comunicação assertiva, a qual, gera união, confiança e sensação de segurança entre o grupo familiar. Pois sabem que são ouvidos e reconhecidos como parte importante dessa estrutura, podendo falar sobre seus medos, erros sem ser julgado e recebendo o acolhimento que necessita nos momentos difíceis.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões envolvendo o uso de substâncias psicoativas são configuradas de maneira complexa, repletas de intervenções que afeta o dependente nas mais variadas áreas de sua vida.

Consistir em. um fenômeno caracterizado por apropriar-se de grandes proporções, uma vez que gera alterações nas relações sociais, familiares, trabalho e outros. Além de ocorrer em qualquer momento da vida do indivíduo, da infância até a velhice, prejudicando-o seu comportamento, saúde mental e contexto social.

A utilização de substâncias psicoativas altera toda estrutura familiar, dependendo de como se encontra os laços entre seus componentes, podendo resultar em afastamentos que leva o membro dependente a acreditar que foi abandonado e com isso, prejudicar drasticamente o tratamento, resultando em comportamentos de recaídas constantes e sem crença da capacidade de reabilitação.

Dentro dos impactos que o uso de drogas causa, podemos pontuar além dos anteriores, os problemas financeiros da família, gerados não exclusivamente por conta do tratamento, além disso os furtos que o dependente pode realizar para manter o vício, entre outras ocorrências. Revelando a proporção da dimensão social e de saúde que o uso das drogas ocasiona, gerando a necessidade de políticas mais eficientes e processo intervenções no núcleo familiar mais assertivos para eficácia da prevenção e recuperação.

Olhando por essa perspectiva, nota-se a importância de ações preventivas ao uso de drogas, direcionando ações que abranja todos os familiares, uma vez que estes marcam toda a história de vida de seus entes. É no corpo familiar que o sujeito se molda, aprende a assumir erros e responsabilidades, deste que o ambiente no qual se desenvolve seja conduzido por relações saudáveis, colocando limites e regras, baseada no diálogo e apoio sem julgamentos.

Apresentando tal conclusão com base nos estudos que compõe este trabalho, os quais deixa claro a importância da família não apenas na prevenção ao consumo de drogas, mas também como facilitadora para o tratamento e recuperação do adicto, o qual passa a sentir-se apoiado e compreendidos pelo seu núcleo familiar.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, F. R. C.; DAMINELLO, T. F. A.; CHAVES, E. M. S.; A família e a dependência de substâncias psicoativas: uma análise do contexto familiar. **RIPE** – Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos: Construindo o Serviço Social, Bauru, v.17, n. 31, p. 01-58, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://ojs.ite.edu.br/index.php/css/article/view/127>> Acesso em: 16 nov. 2020.

AZEVEDO, C. S.; SILVA, R. S. A importância da família no tratamento do dependente químico. **Encontro**: Revista de Psicologia. Vol. 16, No. 25, Ano 2013. p. 151-162. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Sabrina.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2020.

BASSAN, L.; VASCONCELOS, J.; DALCIN, C. B.; CÁCERES, K.; GEHLEN, M. H.; BAC KES, D. S. Impacto do uso do crack nas relações familiares: revisão narrativa. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 11-21, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/1904>> Acesso em: 16 nov. 2020.

CRAUSS, R. M. G., & ABAID, J. L. W. A dependência química e o tratamento de desintoxicação hospitalar na fala dos usuários. **Contextos Clínicos**. Porto Alegre, v.5, n.1, jan-jun. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v5n1/v5n1a08.pdf> > Acesso em: 20 set. 2020.

CUNHA, A. P. O. FERREIRA, D. F. & BATISTA, E. C. A Dependência Química e as Implicações ao Funcionamento da Dinâmica Familiar: uma Visão Cognitivo – Comportamental. **Rev. Enfermagem e Saúde Coletiva**, São Paulo, v.4, n.2, 2019. Disponível em: <<https://www.revesc.org/index.php/revesc/article/view/45>> Acesso em: 12 set. 2020.

DA SILVA, M. L.; FERREIRA GUIMARÃES, C.; BERNARDONI SALLES, D. Fatores de risco e proteção à recaída na percepção de usuários de substâncias psicoativas. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, vol. 15, núm. 6, novembro-diciembre, 2014, pp. 1007-1015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3240/324041233014.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

FERREIRA, A. C. Z.; CAPISTRANO, F. C.; SOUZA, E. B.; BORBA, L. de O.; KALINKE, L. P.; MAFTUM, M. A. Motivações de dependentes químicos para o tratamento: percepção de familiares, **Rev Bras Enferm**. Brasília, v. 68. n. 3, mai-jun. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reben/v68n3/0034-7167-reben-68-03-0474.pdf> > Acesso em: 29 set. 2020.

FREIRES, I. A.; ALMEIDA GOMES, E. M. O Papel da Família na Prevenção ao uso de Substâncias Psicoativas. **R bras ci Saúde** 16(1):99-104, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/article/view/10899>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

FROTA, G. A. S.; MARTINS, K. M. C.; DOURADO, J. V. L.; AGUIAR, F. A. R.; GURGEL JÚNIOR, F. F. Experiência de usuários acerca do uso de drogas. **Rev Bras Promoç Saúde**, Fortaleza, v. 31, n 3, jul-set., 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/7868>> Acesso em: 10 set. 2020.

HERMETO, E. M. C.; SAMPAIO, J. J. C.; CARNEIRO, C. Abandono do uso de drogas ilícitas por adolescente: importância do suporte familiar. **Rev Baiana Saude Publica Miolo**. V. 34 \_ N.3.indd 639. 2011. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2010/v34n3/a1875.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

HORTA, A. L. de M.; DASPETT, C.; EGITO, J. H. T. do.; MACEDO, R. S. M. de. Vivência e estratégias de enfrentamento de familiares de dependentes. **Rev Bras Enferm**. Brasília, v.69, n.6, nov-dez, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reben/v69n6/0034-7167-reben-69-06-1024.pdf> > Acesso em 28 set. 2020.

HERZOG, A.; WENDLING, M. I. Percepções de psicólogos sobre os familiares durante o tratamento de dependentes químicos. **Aletheia** 42, p.23-38, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n42/n42a03.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2020.

KARAM, M. L. Capítulo 2: Direitos humanos, laço social e drogas: por uma política solidária com o sofrimento humano. In: CFP, Conselho Federal de Psicologia. **Drogas, Direitos Humanos e Laço Social**. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Drogas-Direitos-Humanos-e-Laco-Social.pdf> > Acesso em: 03 set. 2020.

LOPES, M. de S.; SANTINI, T. de O.; ASSIS, C. L. de. Fatores que influenciam a recaída ao abuso de drogas: estudo a partir da literatura científica nacional. **Revista Multidisciplinar da Saúde**, Jundiaí – SP, v. III, n. 06, 2012. Disponível em: <<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaMultiSaude/article/view/935>> Acesso em: 13 set. 2020.

MACIEL, L. D.; ZERBETTO, S. R.; FILIZOLA, C. L. A.; DUPAS, G.; ANDRADE FERREIRA, N. M. L. Consequências e dificuldades da dependência química no âmbito familiar: Uma revisão de literatura. **Rev APS**. 2013 abr/jun; 16(2): 187-196. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15155>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

MAURINA, L. R. C.; CENCI, C. M. B.; WAGNER, M. F. MARTINELLI, A. C.; CERUTTI, P.; CECCONELLO, W. W. Habilidades sociais e o abuso de drogas no contexto familiar. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo – RS, vol.4, n.2, 2012. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/241>> Acesso em: 22 set. 2020.

MEDEIROS, K. T. et al. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. **Psicologia. Estudo**. Maringá, v.8, n.2, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v18n2/a08v18n2.pdf>> Acesso em: 22 set. 2020.

MENDES, R. M., & MISKULIN, R. G. S. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos. Pesquisa**. v.47.n.165. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v47n165/1980-5314-cp-47-165-01044.pdf>> Acesso em: 22 set. 2020.

PAZ, F.M.; COLOSSI, P.M. Aspectos da dinâmica da família com dependência química. **Estud. Psicol.** Natal: UFRN, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v18n4/a02v18n4.pdf>> Acesso em: 25 set. 2020.

ROMANINI, M. DIAS, A C. G.; PEREIRA, A. S. Grupo de prevenção de recaídas como dispositivo para o tratamento da dependência química. **Disc. Scientia**. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 115-132, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/970>>. Acesso em: 19 nov.2020.

SILVA M.L.; GUIMARÃES C. F.; SALLES D. B. Fatores de risco e proteção à recaída na percepção de usuários de substâncias psicoativas. **Rev. Rene**, Fortaleza, v.15, n. 6, 2014. Disponível em: <[repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/11324/1/2014\\_art\\_mlsilva.pdf](repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/11324/1/2014_art_mlsilva.pdf)> Acesso em: 23 set. 2020.

TAKAHARA, A. H.; FURINO, V.; MARQUES, A. C.; ZERBETTO, S.; FURINO, F. Relações familiares, álcool e outras drogas: uma revisão integrativa. **Rev. APS.** 2017 jul/set; 20(3): 434 - 443. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15999>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

XAVIER, M. F.; RODRIGUES, P. H. J.; SILVA, M. C. R. A percepção da família no tratamento e suporte do dependente químico. **Encontro Revista de Psicologia**, Valinhos -SP, v.17, n.26, 2014. Disponível em: <<https://revista.pgsskroton.com/index.php/renc/article/view/2419>> Acesso em: 14 set. 2020.

ZERBETTO, S. R., CID, J. M., GONÇALVES, A. M. S. & RUIZ, B. O. As crenças de família sobre dependência de substâncias psicoativas: estudo de caso. **Cad. Bras. Ter. Ocup**, São Carlos, v. 26, n. 3. 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2526-89102018000300608&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2526-89102018000300608&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 20 set. 2020.